

28 MAI 1996

# Tarefa de Geração

JORNAL DO BRASIL

O alerta do ministro da Fazenda, Pedro Malan, sobre a irresponsabilidade política que inviabilizou a reforma da Previdência, e a entrevista do diretor de Política Monetária do Banco Central, Francisco Lopes (domingo no **JORNAL DO BRASIL**), demonstraram que a estabilização não é um piquenique. A estabilização impõe sacrifícios a todos.

Os setores favorecidos pela cultura inflacionária, as reservas de mercado, a cartelização de preços e o fechamento da economia ao produto importado, gerando prejuízo para o consumidor e uma das mais altas concentrações de renda da história brasileira, não estão, evidentemente, satisfeitos com a estabilização.

Banqueiros, donos de monopólios e oligopólios e empresários desobrigados de disputar preços e qualidade ofereciam ao mercado produtos caros e de má qualidade. Não davam oportunidade de escolha ao consumidor brasileiro e se tornaram carpi-deiras da cultura inflacionária.

Como frisou Francisco Lopes, a estabilização está apenas na sua primeira batalha, durante a qual o governo combateu a inflação (e venceu até aqui) com as armas do câmbio e da política monetária. A batalha definitiva contra a inflação depende das reformas estruturais da economia e do país, cuja aprovação é da responsabilidade do Congresso.

O drama atual da política econômica é que o arsenal do câmbio e da política monetária está se esgotando. Se as medidas fiscais não vierem com a rapidez e o vigor esperados pela sociedade — que confia no Plano Real e conta com a estabilização — os resultados poderão ser frustrantes e comprometer o futuro do país.

Um dos maiores economistas do século, Lord John Mayard Keynes, sentenciou que a economia precisava de resultados a curto prazo, pois a longo prazo “estaremos todos mortos”. O drama do Plano Real é esse: a estabilização só será garantida com a continuidade do plano e das reformas. O que depende do Congresso. Se as reformas vierem com presteza e na dose certa, o ajuste fiscal será mais eficaz, e o país recupera condições de crescer mais rápido e de forma auto-sustentada.

A estabilização e a reforma do país são tarefas de uma geração. Se a classe política não assumir seu papel histórico na mudança da agenda do país, a estabilização pode ser interrompida. A última experiência do gênero — a troca da cautela de Mário Henrique Simonsen pelo crescimento eufórico de Delfim Netto, em 1979 — custou caríssimo ao país. Em 15 anos de hiperinflação, a economia cresceu menos que a população, com perda da renda *per capita*, sem falar no aumento da concentração de renda. O Brasil não pode jogar fora o seu futuro.